



OS GÊNEROS DE VIDA NA GEOGRAFIA HUMANA (P. V. de LA BLACHE)

Cláudio Roberto Farias Passos

Universidade Federal de Pernambuco

"Os gêneros de vida na Geografia Humana" foi escrito por Paul Vidal de La Blache em 1911, em francês, com o título "*Les genres de vie dans la Géographie Humaine - premier article*". Foi publicado em *Annales de Géographie*, n. 111, ano XX, tomo 20; o artigo tem como tema a vivência dos povos tradicionais espalhados pelos cinco continentes. A teoria de Vidal de La Blache concebia o homem como hóspede antigo de vários pontos da superfície terrestre, que se adaptou ao meio, criando um relacionamento constante com a natureza. Os homens desenvolveram técnicas, hábitos e costumes que lhe permitissem fazer uso dos recursos naturais disponíveis, denominado por La Blache de "gênero de vida".

Segundo La Blache "um gênero de vida constituído implica uma ação metódica e contínua que age fortemente sobre a natureza agindo sobre a fisionomia das áreas" e duas categorias, "dois gêneros mais evoluídos", podem expressar de forma clara esse conceito: o estado Pastoril e o estado Agrícola. Esses dois seres tornaram-se socialmente muito diferentes - o direito para um é territorial; para outro essencialmente familiar - por um conjunto de hábitos e concepções surgidas primordialmente da diferença de gêneros de vida que praticam.

La Blache acredita ser importante considerar que a ação do homem sobre a natureza ou vice-versa, é exercida principalmente por intermédio do mundo vegetal e animal "por esse algo infinitamente maleável e tenaz que se chama vida". E o clima, bem como, o solo regem todas as coisas e a existência dos seres vivos. O gênero de vida muda a fisionomia de uma área. Por exemplo, o desenvolvimento da vida urbana provoca modificações sobre os cultivos, os agrupamentos humanos e a fisionomia da região nos cinco continentes onde os espaços foram apreendidos pelo homem. La Blache centra esforços a responder a primeira questão para o estudo geográfico dos gêneros de vida: onde e quando nasceram? E argumenta que "se quisermos ir um pouco mais longe" na questão colocada, é preciso recorrer a análise estudando alguns casos concretos e determinados.

A REGIÃO DOS TRÓPICOS

Para La Blache algumas espécies resistem mais que outras e na selva ocorre a multiplicidade de espécimes vegetais e animais. No Congo e Amazônia prevalece em função da umidade e do calor, oferece abrigo aos seres humanos como também aos parasitas, entre esses a mosca *Tsé-Tsé* que altera o metabolismo das

pessoas causando fadiga e sonolência. É no Congo onde se verificam as maiores incidências de ataque do parasita. E a força do meio atinge seu ápice, com as altas temperaturas de uma estação seca, os parasitas duplicam seus efeitos perniciosos, de modo que o clima tem efeito importante nessa dinâmica.

São as estações sazonais que facilitam a reprodução no mundo animal, por exemplo, a sardinha o bacalhau e o Arenque desovam numa mesma estação ano após ano. Ainda sobre a selva o autor levanta uma interrogação: será mesmo que a Selva prejudica a ação humana pela dificuldade de sua circulação? A resposta para tal indagação é negativa. Os rios oferecem correntes de “vida e ventilação”, a exemplo dos afluentes do Congo no continente africano e o Amazonas na América do Sul. No Congo existiam frotas, sem as quais não seria possível explicar o rico material etnográfico da África Central e a diversidade da cerâmica encontrada nas Guianas.

Sobre o tema alimentação La Blache argumentou que na região do Equador a agricultura, mesmo sendo rudimentar, adquiriu uma superioridade sobre os outros gêneros de vida graças aos procedimentos de armazenagem e conservação que a envolviam. E na África se desenvolveu o cultivo do milho e mandioca, trazidas por europeus e aclimatadas pelos índios. A fertilidade dos solos também foi observada, de modo que percebeu-se que nos trópicos a fertilidade não passou de ilusão. Pois, tanto no Brasil como na África as superfícies para cultivo eram restritas aos dorsos de planaltos que possuíam solos férteis e local onde se concentravam aldeias. Ademais, La Blache discorreu sobre a condição climática (abundância de chuvas) contribuiu para o empobrecimento do solo em função da retirada de nutrientes e substâncias fertilizantes, guardando certa semelhança com parcela do solo europeu.

ÁREAS SETENTRIONAIS DA EUROPA E AMÉRICA

Em solos da Europa setentrional e das Américas, La Blache, observou que o relevo e hidrografia foram transformados pelas últimas invasões glaciais. Lagos perderam espaço para os rios que tiveram seu nível alterado pela transgressão marinha modificando o cotidiano dos povos a época. La Blache afirmou que houve “o momento de mudanças periódicas, provocadas pelas estações, à medida que nos distanciamos do Equador”. Todavia, alertou o autor, que existiam mudanças, menos claras, mas que pelas repercussões que exercem sobre a vida dos seres influenciavam a constituição dos modos de existência. “Creio que podemos considerar como causas dessas mudanças, os progressos marcantes nos últimos séculos da valorização das áreas setentrionais da Europa e das Américas, cujo relevo e hidrografia foram transformados pelas últimas invasões glaciais. A seu turno essas condições físicas se modificam” com ajuda dos rios fato semelhante as mudanças no continente asiático.

SOBRE O CONTINENTE ASIÁTICO

La Blache atentou para a influência dos rios existentes, os quais eram responsáveis pela fertilização dos solos favorecendo o cultivo de arroz e a

diversidade de peixes existentes “os quais atraíram a atenção dos homens”. Estudou a dinâmica dos solos e descreveu que nos terrenos de aluviões, onde ocorre a renovação do solo tendo como causa a ação de águas correntes (atuação das monções), se dá a deposição de partículas químicas nas planícies dos rios *Yang-Tsé, Ganges e Brahmaputra*, favorecendo o cultivo do Arroz. O uso da água é um gênero de vida nas regiões úmidas onde os povos se utilizavam de canaletas para distribuição e armazenagem de água nos períodos de estiagem.

La Blache destacou também a ação do rio Nilo (presente em região mais seca) que após as cheias fertilizava a planície sendo responsável pelo desenvolvimento da sociedade egípcia. Assim, em função da pequena oferta de água os homens sentiram a necessidade de substituir a agricultura, nos períodos de estiagem, pela criação de animais que podiam se contentar com pastagens periódicas. O rebanho tornou-se riqueza e signo de moeda passando a fazer parte das trocas de produtos e meios de alimentação entre o produtor de cevada e ou de trigo e criador de carneiro ou cabra. Essa afinidade fez surgir entre aqueles atores “uma solidariedade que é o fundamento da vida na Antiguidade, descrita tanto na Bíblia quanto em Homero”. Ademais, o termo sedentarismo é trazido ao texto. La Blache argumenta não ser o contexto descrito há pouco (criação de caprinos e trocas e entre produtor e criador) sua causa; e sim o surgimento da Horta (modo especial de cultivo) o ponto chave da vida sedentária.

AS CLAREIRAS NAS FLORESTAS DA EUROPA

Para La Blache a floresta da região temperada merecia um estudo a parte no capítulo da história das civilizações. Ele classifica as regiões temperadas como “aquelas em que o período de vegetação compreende pelo menos cinco meses do ano. Ainda, argumenta que na história dessa floresta o homem utilizou “todos os meios de destruição: o fogo, que suprime, da árvore os vermes e micro-organismos que fazem a areação do solo; o machado, que deixa lamentavelmente uma parte do tronco mutilada; a extração de vegetais do sub-bosque (*soutrage*), que sorrateiramente, mas de forma segura, priva a árvore de órgãos auxiliares, sem falar nos dentes das cabras e dos carneiro”. O resultado: na França, surgimento de vegetação espessa em terrenos siliciosos, característica da região do mediterrâneo; na Alemanha do Norte de *touya* (sem tradução no texto original) no Béarn e no Japão *hara* ou bambuzais.

INTERVALO ENTRE AS FLORESTAS E OS LITORAIS

É nessa parcela do espaço que segundo La Blache se instalou a civilização primitiva denominada *Kiökkenmoddings* na qual os dinamarqueses conservaram traços. Os estudos realizados apontaram que restos de cozinha encontrados continham ossos de renas e de cães (indicando alimentos da época) associados aos de peixes e pássaros e em comparação com a cozinha mais recente (1911) os restos alimentícios, apontaram vestígios de carneiro, cabras, cavalos e porcos. Portanto, houve uma evolução contínua de gênero de vida dos primeiros povos que habitaram o território dinamarquês, num quadro físico (litoral exposto ação

violenta da umidade e do vento oceânico) composto pelo mar e "a inóspita floresta interior".

EXEMPLO PROVENIENTE DAS MONTANHAS

La Blache argumenta que as montanhas têm a característica conhecida de aproximar zonas diferentes, em função do clima, obrigando-o a buscar combinações de gêneros de vida que nasceram dessa relação. As montanhas da Ásia possibilitaram o gênero de vida entre 800 e 1000 metros de altitude graças ao cultivo de centeio e cevada, nos Alpes Ocidentais. E acima dos 1900 metros (com pastagens de gramíneas) era a neblina ou as chuvas que "reverdeciam várias vezes a vegetação a cada ano no mês de agosto". Também, na Ásia Central mais precisamente nas montanhas da Pérsia as antigas populações iranianas, com ajuda da irrigação combinada com intensa insolação, praticavam o cultivo de grãos, diversas árvores e melões.

La Blache menciona texto antigo que cita Marco Polo, veneziano, que uma viagem observou maravilhado as montanhas asiáticas exclamando: "Lá no alto cresce a melhor pastagem do mundo, pois, um jumento magro ali se tornaria bem gordo em dez dias".

OBSERVAÇÕES FINAIS

Vale salientar que os gêneros de vida descritos por La Blache se referem a comunidades tradicionais existentes no início do século XX e descrevem sobre um aspecto geográfico a evolução de modos de vida espalhados pelo mundo. No texto em questão, documento histórico geográfico, autor oferece subsídio para o entendimento de algumas questões vivenciadas na contemporaneidade, a exemplo da relação socioeconômica do uso da água, práticas de conservação do solo e possibilismo geográfico comprovando pela ação do homem utilizando ferramentas (meio técnico científico) que possibilitam a superação de barreiras naturais como fixação de moradias e cultivos em áreas antes denominadas de anecumenas. Considera-se o artigo "Os gêneros de vida na geografia humana" como leitura imprescindível para estudantes e pesquisadores que necessitam compreender o Espaço, objeto de estudo da Geografia.

La Blache encerra seu texto retomando a ideia possibilista do homem se adaptar ao meio em função de suas necessidades, bem como, o clima tendo responsabilidade sobre a relação homem/meio de maneira que para ele a natureza viva forneceram, particularmente, possibilidades múltiplas de intervenção e ocasiões de iniciativas. Possibilidades que serviram de normas a organização dos gêneros de vida. Numa terra exposta a um clima uniforme esses estímulos teriam feito falta. "Se é verdade que a diversidade dos climas não cessam de se acentuar nos períodos geológicos mais próximos da época atual, somos levados a dizer que ao crescer em variedade, o mundo cresceu em inteligência".

REFERÊNCIAS

HAESBART, R.; RIBEIRO, G.; PEREIRA, S. *Vidal, Vidais: Textos de Geografia Humana, Regional e Política*. Rio de Janeiro, Bertrand, 2012.

SANTOS, Milton. *Metamorfose do Espaço Habitado: Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia* / Milton Santos; em colaboração com Denise Elias. - 6. ed. 2. reimp. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

Contato com o autor: Cláudio Roberto Farias Passos <cbetopassos@yahoo.com.br>

Recebido em: 03/07/2016

Aprovado em: 24/05/2017